

1, 2 e 3 João

Introdução
e comentário

John R. W. Stott



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA· VIDA NOVA



ÍNDICE

Prefácio Geral	6
Prefácio do Autor	7
Prefácio da Edição em Português	9
Abreviaturas	11
Introdução	13
Análise	49
1 João	50
2 João	170
3 João	186

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

- Alexander *The Epistles of John*, de Neil Alexander, na série *Torch Bible Commentaries* (S.C.M. Press, 1962).
- Alford “Commentary of the Epistles of John”, de Henry Alford em seu “Greek Testament” (Rivingtons & Deighton & Bell, 3.^a edição, 1866).
- Barclay *The Letters of John and Jude*, de William Barclay (The Saint Andrew Press, 1958).
- Blaiklock *Faith is the Victory* (Devotional Studies in the First Epistle of John), de E.M. Blaiklock (The Paternoster Press, 1959).
- Brooke “Commentary on the Johannine Epistles” de A. E. Brooke, em *The International Critical Commentary* (T. & T. Clark, 1912).
- Calvino “Commentary on the First Epistle of John”, de João Calvino, traduzido por T.H.L. Parker, na série *Calvin's Commentaries* (Oliver & Boyd, 1961).
- Candlish *The First Epistle of John Expounded in a Series of Lectures*, de Robert S. Candlish (A. & C. Black, 1877).
- Dodd “Commentary on the Johannine Epistles”, de C. H. Dodd, em *The Moffatt New Testament Commentary* (Hodder and Stoughton, 1946).
- Ebrard “Commentary on St. John's Epistles”, de John H.A. Ebrard (T. & T. Clark, 1860).
- Eusébio *Ecclesiastical History*, de Eusébio de Cesaréia, circa 260-340, traduzido para o inglês com introdução e notas de H. J. Lawler e J. E. L. Oulton (S.P.C.K., 1927-28; 2 volumes).
- Findlay *Fellowship in the Life Eternal* (An Exposition of the Epistles of St. John), de George G. Findlay (Hodder & Stoughton, 1909).
- Grimm-Thayer *Greek English Lexicon of the New Testament*, de C.L.W. Grim, traduzido, revisto e ampliado por J.H. Thayer (T. & T. Clark, 4.^a edição, 1901).

- Law *The Tests of Life* (“A study of the First Epistle of St. John), de Robert Law (T. & T. Clark, 1909).
- Lewis *The Johannine Epistles*, de Greville P. Lewis, nos *Epworth Preacher’s Commentaries* (Epworth Press, 1961).
- Liddell e Scott *A Greek-English Lexicon*, compilado por H.G. Liddell e R. Scott (1843), revisto e ampliado completamente por H.S. Jones e R. Mckenzie (1925) (Oxford University Press, 10.^a edição, 1940).
- mg. Margem.
- NEB Nova Bíblia Inglesa — Novo Testamento, 1961 (“New English Bible”).
- Plummer “Commentary of the Epistles of St. John, no *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges*, de Alfred Plummer (Cambridge University Press, 1894).
- Smith “Commentary on the Epistles of John”, de David Smith, em *The Expositor’s Greek Testament* (Hodder & Stoughton, 1910).
- ARA Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil (SBB)
- ARe Almeida, Edição Revista e Corrigida (SBB).
- AV Versão Autorizada Inglesa (do Rei Tiago).
- RSV Versão Padrão Americana, Revista, 1946-52 (“American Revised Standart Version”).
- RV Versão Inglesa Revista, 1881-85 (“English Revised Version”)
- Westcott “Commentary on the Epistles of St. John”, de B.F. Westcott (Macmillan), 1883).

INTRODUÇÃO

I. Autoria

O lugar natural onde buscar informações sobre a autoria de alguma epístola antiga, é a própria epístola. Era costume na antigüidade o correspondente iniciar sua carta anunciando a sua identidade. Esta era a invariável regra de Paulo, e a mesma coisa vale para as epístolas de Pedro, Tiago e Judas. O autor de 2 e 3 João intitula-se “O presbítero”, sem revelar o seu nome. Somente a Epístola aos Hebreus e a Primeira Epístola de João começam sem nenhuma informação sobre o nome ou título do autor, e, na verdade, sem nenhuma saudação introdutória. Não se explica o anonimato de 1 João com a sugestão de que o autor está escrevendo um tratado teológico, ou mesmo uma epístola geral ou “Católica”, como Orígenes lhe chamou primeiramente. Embora haja nela considerável conteúdo teológico, contém uma mensagem genuinamente pessoal, dirigida a uma igreja particular, ou a um grupo delas, numa situação particular (ver **2:19**). A forma de tratamento “eu-vós-nós” é mantida do começo ao fim; os destinatários da carta são os amados “filhinhos” do autor, dos quais a história espiritual e as presentes circunstâncias ele conhece. Além disso, o ‘escrito é. . . animado das primeiras às últimas linhas de intensos sentimentos pessoais” (Westcott). É verdadeiramente uma epístola pastoral, enviada por um pastor a seu rebanho ou a uma parte dele, como também são pastorais (e ainda mais patentemente) as duas epístolas mais curtas.

Então, quem é o autor destas epístolas? Visto que são anônimas, não há nenhuma necessidade *a priori* de atribuí-las ao apóstolo João ou a algum outro João. Todavia, as evidências externas favorecem fortemente esta atribuição, particularmente no caso da primeira epístola.

1. *Evidências externas quanto à primeira epístola.*

Todas as três epístolas se acham nos MSS gregos mais antigos. A primeira epístola está incluída também nas mais antigas versões da igreja do Oriente e do Ocidente, a saber, a Siríaca e a Latina, ao passo que a segunda e a terceira epístolas não estão na Velha Siríaca.

AS ESPÍSTOLAS DE JOÃO

Comentadores há que encontraram possíveis alusões às epístolas de João em diversos escritos patrísticos primitivos. Assim, Clemente de Roma descreveu duas vezes os eleitos de Deus como sendo “aperfeiçoados no amor” e há uma expressão parecida no *Didaquê. A Epístola a Diogneto* inclui frases como, “desde o princípio”, “Deus amou os homens” e “enviou o seu Filho unigênito”, de modo que amamos “a quem (nos) amou primeiro”. Mas nenhuma dessas é mais que um eco de linguagem Joanina, derivada tanto da primeira epístola como do evangelho ou da teologia joanina corrente. Não há nenhuma citação formal ou exata, nem qualquer menção nominal de João ou das epístolas.

A mais antiga referência a estas epístolas nos chamados Pais vem se Policarpo de Esmirna (morto cerca de 155 H.D.), que, no capítulo sete da sua carta aos filipenses, talvez escrita trinta ou quarenta anos antes do seu martírio, assevera que, todo aquele que não confessa que Jesus Cristo veio em carne é anticristo. Ele prossegue, instando a um retorno à mensagem transmitida desde o princípio. Aqui há citações de 1 João 4:2,3 (com uma possível reminiscência de 1 João 2:22 e 2 João 7) e de 1 João 2:24. Contudo, Policarpo não atribui as suas citações a João.

O primeiro a referir-se especialmente a uma epístola joanina foi Papias de Hierápolis, em meados do século segundo, que, de acordo com Eusébio (iii, 39.17), “utilizou testemunhos extraídos da mais antiga epístola de João”.

Não é senão até chegarmos a Irineu de Lião (cerca de 130-200) que pelo menos a primeira e a segunda epístola são claramente atribuídas ao João que era tanto o “discípulo do Senhor” como o autor do quarto evangelho. Em sua obra, *Adversus Haereses* (iii. 16.18), faz citação completa de 1 João 2: 18-22, 4: 1-3, 5:1, e João 7,8.

Clemente de Alexandria, que sobreviveu a Irineu uns poucos anos, evidentemente conhecia mais de uma epístola joanina, desde que emprega a expressão, “a epístola maior”, que atribui ao “apóstolo João”. Suas citações são até mais numerosas do que as de Irineu. Nos capítulos 2-5 de *Stromateis* ele cita 1:6,7; 2:4,18,19; 3:3,18,19; 4:16,18 e 5:3,16,17, enquanto que em *Quis Dives Salvetur?*, capítulos 37 e 38, cita 3:15 e de novo 4:18.

Tertuliano, seu contemporâneo latino (morto cerca de 220), fez considerável uso da primeira epístola, citando-a perto de cinquenta vezes (especialmente 1:1,3; 2:22; 4:1,2; 5:1) em seus escritos polêmicos contra Marcion, Práxeas e os gnósticos. Orígenes de Alexandria, um pouco mais tarde (morto cerca de 255), também se apoiou muito na primeira epístola, atribuindo-a a João, embora, à semelhança de Tertuliano, não cite as duas cartas menores.

O *Cânon de Muratori*, provavelmente compilado em Roma entre 170 e 215 A.D., talvez por Hipólito, contém duas importantes passagens, embora de sentido um tanto incerto. Numa o autor descreve como acreditava que João viera a escrever o seu evangelho, e imediatamente acrescenta uma referência a “suas epístolas” em que reivindicava ter escrito “o que temos visto com os nossos olhos, o que temos ouvido, e tocamos com as nossas mãos” (citando 1 João 1:1,4). Na outra, mencionam-se “duas” epístolas de João (não é claro a quais se refere); depois, elas são descritas com a frase *in catholica habentur*, que os especialistas têm entendido que significa que eram reconhecidas ou “na igreja católica” ou “entre as epístolas católicas”.

Cipriano, bispo de Cartago em meados do século terceiro, citou 1:8 e 2:3,4,6,15-17; e é interessante notar que as passagens que ele usou dizem mais respeito à conduta ética, que à controvérsia teológica.

Chegando a Eusébio (cerca de 325 A.D., vemos que ele enumera a primeira epístola entre os *homologoumena*, ou “livros aceitos”, ao passo que coloca a segunda e a terceira epístolas entre os *antilegomena*, ou “livros contestados” (iii. 25.2,3).

2. *Evidências externas quanto à segunda e à terceira epístolas.*

As evidências externas quanto à segunda e à terceira epístolas não são tão claras ou fortes como as concernentes à primeira. A primeira citação definida ocorre em Irineu (*Adversus Haereses* iii. 16.3,8), que menciona duas epístolas, atribuindo-as a “João, o discípulo do Senhor”, e cita 2 João 7,8,10 e 11. Clemente de Alexandria deixa entrever por sua referência à “epístola maior” de João (*Stromateis* ii. 15.66) que ele escreveu também uma ou mais epístolas menores, e noutro lugar, segundo Eusébio, menciona “a segunda epístola de João”, que disse ter sido escrita a certa senhora que significa “a santa igreja”. É em Orígenes que damos com a primeira menção explícita de alguma dúvida sobre a autoria destas duas epístolas. Ele sabia da existência de ambas, mas de sua pena não sobreviveu nenhuma citação de qualquer delas, e, conforme Eusébio, sabia que elas não eram reconhecidas universalmente como “genuínas” (vi. 25. 10).

O próprio Eusébio, como já se mencionou, colocou a segunda e a terceira epístolas entre os *antilegomena* (iii. 25.3), conquanto “bem conhecidas e reconhecidas pela maioria”. Acrescenta a interessante explicação da incerteza que as cerca, a saber, “quer pertençam ao evangelista, quer a outro do mesmo nome”. Noutro lugar, ele afirma a sua convicção de que elas foram escritas pelo apóstolo João (vi. 25.10). A referência no Cânon Muratório a “duas epístolas” de João poderia ser, com a mesma facilidade, uma alusão à primeira e à segunda, ou à

AS ESPÍSTOLAS DE JOÃO

segunda e à terceira. Jerônimo disse que as duas epístolas mais curtas eram atribuídas a João o presbítero, e, embora através de toda a Idade Média as epístolas pareçam ter sido aceitas como obras de João o apóstolo, Erasmo retornou à teoria mencionada por Jerônimo. Não é surpreendente que esta certificação da segunda e da terceira epístolas seja mais dificultosa do que no caso da primeira, pois ambas são pequenas e contêm pouca matéria distintiva que seria própria para citar-se.

3. *A autoria comum do evangelho e da primeira epístola.*

Provas da autoria das epístolas como as que se podem colher das próprias epístolas são indiretas, não diretas. É um problema complexo, que diz respeito às mútuas relações entre o evangelho e cada uma das três epístolas. Se se puder mostrar que alguma ou todas as epístolas foram escritas pelo autor do quarto evangelho, então, evidentemente, os argumentos em prol da autoria do evangelho serão igualmente aplicáveis às epístolas. Mais simplesmente, se o evangelho é do apóstolo João, as epístolas o serão também. Não é este o lugar para sequer tentar-se uma introdução à complicada questão da autoria do quarto evangelho. É preciso remeter o leitor a competentes comentários daquele evangelho quanto a este assunto. O que se deve fazer aqui, porém, é um exame da relação entre o evangelho e a primeira epístola, depois entre a segunda e a terceira, e, finalmente, entre estas e a primeira epístola.

Mesmo uma leitura superficial do evangelho e da primeira epístola revela notável semelhança entre ambos, tanto no conteúdo como na sintaxe. Os assuntos gerais tratados são quase os mesmos. Tem-se assinalado muitas vezes que o autor de cada um deles tem o mesmo amor pelos opostos colocados em forte contraste uns com os outros — luz e trevas, vida e morte, amor e ódio, verdade e falsidade — enquanto se diz que as pessoas pertencem a uma ou outra de duas categorias, sem outra alternativa. São filhos de Deus ou do diabo, são do mundo ou não são. Têm vida ou não a têm. Conheceram a Deus ou não O conhecem. No estilo, percebe-se o que Westcott chamou de, “a mesma monótona simplicidade de construção”, e o mesmo amor do paralelismo. O autor emprega poucas partículas, e não gosta de cláusulas subordinadas introduzidas pelo pronome relativo. Por outro lado, tem grande apego a sentenças que começam com certas fórmulas enfáticas, como “Isto é... que...”, “Por isso... que...”, “Pois isto... que” e “Todo aquele que...”.¹

1. Para um minucioso exame das semelhanças e diferenças lingüísticas ver Brooke, págs. i-xix e 235-242; e Law, págs. 341-363.

INTRODUÇÃO

Quando comparamos a ocorrência de frases precisas tanto no evangelho como na primeira epístola, vemos que, de fato, o mesmo propósito divino, ou o mesmo esquema divino da salvação, é exposto em termos quase idênticos. Pode-se resumir como se segue, sendo que a referência presente na epístola vem impressa primeiro em cada parêntese: Em nosso estado natural, não redimido, tanto somos “do diabo” que peca, mente e mata “desde o princípio” (3:8; 8:44), como “do mundo” (2:16, 4:5; 8:23, 15:19). Portanto, nós de fato praticamos ou cometemos pecado (3:4; 8:34) e o “temos” (1:8; 9:41), andamos “nas trevas” (1:6, 2:11; 8:12, 12:35), e somos espiritualmente “cegos” (2:11, 12:40) e “mortos” (3:14, 5:25). Mas Deus nos amou e enviou o Seu filho para ser “o Salvador do mundo” (4:14; 4:42), e “para vivermos” (4:9,10; 3:16). este é o Seu “Filho unigênito” (*monogenes*, 4:9; 1:14,18, 3:16,18), que, conquanto no princípio ou desde “o princípio” (1:1; 1:1), tornou-se ou veio em “carne” 4:2; 1:14), e depois “deu a Sua vida” por nós (3:16; 10:11-18), a fim de “tirar” o pecado (3:5; 1:29). Dele foi dado “testemunho”, em parte por homens que O têm “visto” e por isso testemunharam (1:2,3, 4:14; 1:34, 19:35), mas especialmente pelo próprio Deus (5:9; 3:33, 5:32, 34, 36, 37) e pelo Espírito (5:6; 15:26). Devemos aceitar esse testemunho divino (5:9; 3:11, 32, 33, 5:34), crer naquele que foi adequadamente credenciado dessa forma (5:10; 5:37-40) e confessá-lo (4:2, 3; 9:22). Crendo nele ou no Seu “nome” (5:13; 1:12, etc.), “passamos da morte para a vida” (3:14; 5:24). Temos “a vida” (5:11,12; 3:15, 36; 20:31), pois a vida está no Filho de Deus (5:11,12; 1:4, 14:6). Isto é ser “nascido de Deus” 2:29, 3:9, 5:4,18; 1:13).

Os que nasceram de Deus, os “filhos de Deus” (3:1, 2, 10, 5:2; 1:12, 11:52) são descritos de várias maneiras com relação a Deus, a Cristo, à verdade, uns aos outros e ao mundo. Eles são “de Deus” (3:10; 8:47), e vieram a conhecer a Deus, o Deus verdadeiro, por meio de Jesus Cristo (5:20 17:3). Pode-se até dizer que viram a Deus (3:6, cf. 3 Jo 11; 14:9), apesar de que no sentido literal ninguém jamais viu a Deus (4:12,20; 1:18, 6:46). Os cristãos não são somente “de Deus”, mas também são “da verdade” (2:21, 3:19; 18:37). A verdade também está neles (1:8, 2:4; 8:44), e eles a praticam (1:6; 3:21), pois o Espírito que lhes foi dado é “o Espírito da verdade” (4:6, * 5:6; 14:17, 15:26, 16:13). A relação do cristão com Deus e com a verdade é mediante Jesus Cristo, em quem e em cujo amor eles permanecem (2:6,27,28, 3:6,24, 4: 13,15,16; 15:4-10), e que neles permanece (2:24, 3:24, 4:12-16; 6:56, 15:4,5). Sua Palavra

*ARA; “o espírito . . .”, com inicial minúscula, interpretando-o como não referente ao Espírito Santo nessa passagem. Nota do Tradutor.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.